

Leitura e produção de textos imagéticos: uma experiência formativa com jovens e adultos em assentamento do MST

Cristiane Fernanda Xavier¹, Geovânia Lúcia dos Santos², Luciana Resende Allain³, Luiz Carlos Felizardo Júnior⁴, Marcelo Hornos Steffens⁵

Resumo

O texto contém o relato da execução de um projeto de extensão criado para desenvolver oficinas de leitura e produção de textos gráficos e imagéticos com jovens e adultos assentados pelo MST. A metodologia adotada privilegiou a investigação da realidade local, o mapeamento das mídias comumente acessadas pelos assentados e os limites explicativos que eles apresentam na análise dos meios de comunicação, como instrumentos de construção e legitimação de valores, crenças e modelos sociais. A criminalização do MST pela grande mídia foi o que melhor sintetizou a percepção dos assentados sobre os meios de comunicação, tornando-se a base para a realização das oficinas, atividade que objetivou problematizar algumas mensagens midiáticas e fomentar a produção de novos textos capazes de ratificar a dimensão educativa dos meios audiovisuais na direção de um projeto midiático inclusivo.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos. Mídias. Leitura. Produção de textos.

- 1.** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, pedagoga, professora na Universidade Federal de Alfenas. E-mail: cristianefx@yahoo.com.br.
- 2.** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduada em História, professora na Universidade Federal de Alfenas. E-mail: geolusantos@hotmail.com.
- 3.** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, bióloga, professora na Universidade Federal de Alfenas. E-mail: luallain@yahoo.com.br.
- 4.** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, licenciado em Química, membro do Grupo de Pesquisa Juventude e Educação na Cidade da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: felizardojr@hotmail.com.
- 5.** Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduado em História, professor adjunto da Universidade Federal de Alfenas. E-mail: marcelo.steffens@unifal.edu.br.

Reading and production of image texts: a formative experience with young people and adults in a settlement of the MST (Movement of the Landless People in Brazil)

Cristiane Fernanda Xavier*, Geovânia Lúcia dos Santos**, Luciana Resende Allain***, Luiz Carlos Felizardo Júnior****, Marcelo Hornos Steffens*****

Abstract

This text contains a report covering the execution of an extension project designed to develop reading workshops and the production of texts and graphic imagery, involving young people and adults settled by the MST (Movement of the Landless People in Brazil). The research methodology focused on an investigation of the local reality, the mapping of media coverage typically accessed by the settlers and the limits they present in the explanatory analysis of the communication media as tools for the construction and legitimization of values, beliefs and social models. 'Criminalization of the MST by the mainstream media' was what best described the settlers' perception about the media becoming the basis for conducting workshops, an activity designed to problematize some mainstream messages and encourage the production of new texts, designed to ratify the educational dimension of audiovisual media coverage towards an inclusive media project.

Keywords

Education of Young People and Adults. Media. Reading. Text production.

* Master in Education at the Federal University of Minas Gerais, pedagogue, professor at the Federal University of Alfenas. E-mail: cristianefx@yahoo.com.br.

** Master in Education at the Federal University of Minas Gerais, graduated in History and professor at the Federal University of Alfenas. E-mail: geolusantos@hotmail.com.

*** Master in Education at the Federal University of Minas Gerais, biologist, professor at the Federal University of Alfenas. E-mail: luallain@yahoo.com.br.

**** Master in Education at the Federal University of Minas Gerais, graduated in Chemistry, member of the Research Group of Youth and Education in the City at the Federal University of Minas Gerais. E-mail: felizardojr@hotmail.com.

***** Doctor in History, Graduated in History, professor at the Federal University of Alfenas. E-mail: marcelo.steffens@unifal.edu.br.

Introdução

Este trabalho resulta de uma experiência de extensão voltada à realização de oficinas de leitura e produção de textos para pessoas jovens e adultas do assentamento Primeiro do Sul (MST), a partir de textos gráficos e imagéticos veiculados pela mídia escrita e televisiva. O referido Assentamento, organizado há treze anos, está situado no município de Campo do Meio/MG e, atualmente, abriga um total de 44 famílias.

A realização deste trabalho decorre da compreensão de que os meios de comunicação não apresentam uma natureza ontológica que os defina, estando a serviço de projetos e interesses específicos, sendo, assim, merecedores de uma atenção que dê conta de identificar a favor do quê e de quem se orientam; contra o quê e quem operam. Nesse sentido, as várias possibilidades oferecidas pelo universo midiático podem estar a serviço de diferentes projetos de sociedade, ora servindo ao lucro e à lógica de mercado, e se constituindo como mero treinamento operacional, ora sendo vinculadas à educação como prática de liberdade (FREIRE, 2000).

Daí a importância de reconhecer, na área da comunicação, um interlocutor fecundo no exercício de pensar e interpretar a realidade, os fenômenos sociais e o comportamento humano, tendo no horizonte a construção de um projeto de sociedade, coletivamente compartilhado, comprometido com a democracia e suas múltiplas formas de expressão; ideais estes presentes na ação dos movimentos sociais em favor da concretização da educação, a entendendo como um direito historicamente negado às classes populares em geral e, de modo específico, às pessoas vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), público da experiência educativa aqui tratada.

Além disso, a proposição desta ação extensionista assentou-se no reconhecimento de duas importantes questões no que se refere

à educação de um modo geral e à educação de sujeitos cuja trajetória de vida é marcada pelo pertencimento e atuação em movimentos sociais.

A primeira destas questões refere-se à necessidade, já apontada e largamente discutida, de a educação assumir, na contemporaneidade, a função de formar sujeitos que se posicionem ativa e criticamente frente a todo o universo de informações que é cotidianamente veiculado pelos meios de comunicação; informações cujos conteúdos são variados e podem contribuir tanto para a formação de uma consciência crítica, porque insurge de uma realidade apurada; quanto para a consciência ingênua, porque alienada em relação aos sujeitos, via de aceitação passiva e internalização de modelos e valores de uma sociedade que se caracteriza pela valorização do mercado, do consumo e do individualismo, contribuindo para a afirmação e reprodução das desigualdades.

A segunda questão se refere ao fato de o público-alvo se constituir de trabalhadores que, organizados, têm construído uma longa história de lutas em defesa de seus direitos, para os quais o domínio de meios que lhes permitam desvelar os textos, acima indicados, torna-se fundamental, na medida em que os instrumentaliza para (re)conhecer a realidade em que se inserem, vendo-se nela e podendo, a partir daí, desenvolver estratégias que lhes permitam atuar de forma mais efetiva nos campos social, político e cultural, tornando-se produtores de textos que vinculem suas mensagens.

Assim sendo, a escolha de trabalhadores e trabalhadoras assentados do MST como público alvo do trabalho aqui apresentado é a contribuição que entendemos dar no processo do necessário repensar da educação e de sua potencialização como instrumento propulsor da transformação social. Inicialmente, pelo fato de já haver, no interior deste movimento,

o reconhecimento dos limites do modelo de educação vigente para a formação de uma sociedade que se pretende mais justa e igualitária, porque fundada efetivamente em princípios e práticas democráticas.

Sendo um tema bastante estudado por educadores e teóricos comprometidos com a construção de uma educação mais progressista, a inadequação da escola para a formação dos trabalhadores em geral e, mais especificamente, para os trabalhadores rurais tem sido denunciada desde fins dos anos 50 do século passado. Tal denúncia ganhou fôlego e adquiriu uma dimensão propositiva a partir da ação e da produção teórica de Paulo Freire, para quem a educação do adulto, do trabalhador, deve ser pensada e realizada como ação política e emancipatória.

Seguindo a tradição freiriana, educadores vinculados ao MST vêm desenvolvendo diversas experiências educativas, por meio das quais têm buscado construir um projeto que atenda às demandas formativas de crianças, adolescentes, jovens e adultos ligados ao Movimento, bem como que contribua, de forma mais efetiva, para que todos e cada um possam se formar como sujeitos sociais; portadores de direitos, conscientes e aptos a enfrentarem os mecanismos pelos quais estes direitos lhes são negados cotidianamente (CALDART, 2000).

Outro fator que reforça a pertinência de nossa proposta de trabalho no que se refere a seu público-alvo diz respeito à mídia que, no contexto da luta dos trabalhadores sem terra, assume um papel importante, na medida em que, por meio dela, são veiculadas, cotidiana e massivamente, mensagens de diferentes teores. O permanente exercício de desvelamento destas mensagens representa, portanto, uma

importante ação no sentido de contribuir para a formação continuada destes sujeitos.

O entendimento de que a Universidade é uma instituição estratégica que deve se colocar a serviço da sociedade, estabelecendo com ela canais de comunicação por meio dos quais seus profissionais possam planejar e implementar ações emancipatórias *junto e com* segmentos sociais mais vulnerabilizados, dentre os quais se destacam os trabalhadores rurais – sistematizados por Paulo Freire (1980) em fins dos anos sessenta do século passado – representa, neste contexto, uma idéia fecunda cuja vitalidade se renova a cada dia.

Imbuídos desta percepção, os profissionais que compõem a equipe responsável e executora deste projeto comprometeram-se com o desenvolvimento de uma ação educativa que reconhece a mídia como poderoso mecanismo educativo “com o poder de construir ou de contribuir para a destruição de um movimento social” (GOHN, 2000, p. 21-22). Assumiram o desafio de contribuir para que jovens e adultos do Assentamento Primeiro do Sul trabalhassem no sentido do reconhecimento do universo de textos gráficos e imagéticos como um universo passível de estranhamento, problematização e de denúncia, com vistas à transformação desta realidade, bem como de seu desvelamento e recriação⁶.

A partir da noção que toma o diálogo como um fio condutor por excelência para a tessitura do trabalho pretendido levou-nos a compor uma equipe de trabalho com profissionais de diferentes áreas e que tivessem em comum a experiência, o compromisso e/ou o interesse de participar de uma ação voltada para a formação do público-alvo em questão. Nesse sentido, a equipe assumiu um caráter multidisciplinar,

6. A proposição deste projeto resultou da confluência de dois campos de interesses distintos, inicialmente pela demanda formulada pelos próprios assentados, por ações de extensão voltadas para a formação crítica de jovens e adultos. Tal demanda, apresentada à coordenação do Programa de Extensão “Semeando Saúde”, por meio do qual profissionais da UNIFAL-MG têm desenvolvido ações no assentamento, coadunou com interesses de profissionais no Instituto de Ciências Humanas e Letras aos quais interessava desenvolver um trabalho desta natureza.

contando com profissionais oriundos das áreas da Pedagogia, História, Química e Biologia, cujos percursos formativos e/ou profissionais foram sendo transversalizados pela educação de pessoas jovens e adultas, seja pela inserção em movimentos sociais, desenvolvendo práticas socioeducativas; seja pela atuação em instituições escolares e/ou ainda pelo desenvolvimento de estudos e pesquisas na área.

Ainda no que se refere à constituição da equipe, além dos cinco formadores supracitados, a equipe contou com a presença de cinco estudantes do curso Pedagogia⁷ que tiveram a oportunidade de vivenciar experiências de âmbito formativo em um espaço não escolar, uma vez que não é raro ouvirmos queixas de acadêmicos dessa área quanto à excessiva ênfase dada pelos currículos às ações voltadas para a educação infantil, limitando as oportunidades de experimentar novos e possíveis campos de atuação do pedagogo, com públicos diversos e em espaços distintos da escola.

Educação e Emancipação

A compreensão da necessidade de redimensionamento da educação no sentido da redefinição de suas funções, considerando as transformações pelas quais as sociedades têm passado e a emergência da chamada “sociedade do conhecimento”, consiste em uma das bases nas quais se assenta a proposição desta ação de extensão. Tal compreensão fundamenta-se nas contribuições teóricas⁸ que defendem que a participação efetiva da Educação na formação dos sujeitos sociais dar-se-á na medida em que nós, educadores, nos afastamos da lógica transmissivo-receptora de um conjunto pré-determinado de saberes e habilidades, comumente descolados da

realidade dos estudantes, e orientarmos nossa ação educativo-pedagógica no sentido da mediação entre as muitas informações dispersas que são acessadas por eles e a compreensão do mundo que eles podem e devem construir a partir de tais informações.

Deste modo, tais contribuições teóricas defendem a necessidade de resignificar a educação, colocando-a a serviço da formação de leitores críticos das mensagens que circulam intensamente no cotidiano e que podem contribuir para a perpetuação de um determinado modelo de organização social caracterizado pela negação de direitos, exclusão e reforço de desigualdades, quando internalizadas acriticamente.

A ação formativa desenvolvida por meio da execução do Projeto “Oficinas de leitura e produção de textos na educação de jovens e adultos” fundamenta-se, ainda, na compreensão de que esta resignificação passa pela politização do ato pedagógico discutida por Paulo Freire. Trata-se, portanto, de considerar que a relação entre fundamentos e métodos na educação se estrutura a partir das visões de homem, de mundo, de sociedade e de educação, sugerindo que a prática descolada do seu sentido filosófico e vinculada às perspectivas tecnicistas e instrumentais reduz o potencial do método a um conjunto de regras e passos a serem seguidos com a finalidade de se chegar a um resultado final previamente definido.

Tal descolamento supõe uma apresentação linear de temas baseada numa sequência estável e única, de caráter expositivo, sem problemas, sem um fio condutor na qual o educador é o protagonista das decisões e fonte da verdade e do saber, cuja prática está fundada na crença de que os educandos devam aprender o que está previsto. Quando este sentido é dado ao

7. Além dos autores deste trabalho, participaram da ação extensionista aqui tratada as acadêmicas do 8º período do curso de Pedagogia: Luana Aparecida Lourenço (bolsista), Claudia Simone Silva, Lívia Brassi Silvestre de Oliveira, Mariana da Costa de Souza, Silmara de Fátima Hipólito.

8. TEDESCO (1998, 2006), SACRISTÁN e GÓMEZ (1998), SACRISTÁN (2002) e ARROYO (2004).

método reduz-se o processo educativo a uma questão técnica, a um logaritmo ou treino que pode ser utilizado e aplicado a todo tipo de realidade, circunstâncias e sujeitos.

Ao contrário disso, a concepção filosófica de educação que orientou este projeto foi marcada pela tentativa de superação das ideias citadas acima e se comprometeu com a valorização e articulação dos diferentes saberes, conhecimentos e experiências dos sujeitos implicados na ação. Para tanto, a prática do diálogo foi privilegiada e estimulada, pautando-se no reconhecimento e na valorização da alteridade como mecanismo que permite o desenvolvimento da escuta que, por sua vez, possibilita a compreensão dos fenômenos sociais a partir de diferentes perspectivas e da percepção da diversidade como condição humana necessária à construção de uma educação emancipatória e de um projeto de sociedade inclusiva (FREIRE, 1987).

Uma educação emancipatória, nos termos sugeridos acima, supõe um caminho que vai da informação ao conhecimento e no qual a consciência do indivíduo sobre o seu próprio processo como aprendiz é tida como o elemento mais relevante. Consciência estabelecida na relação da biografia pessoal de cada um em intercâmbio com seus pares. Trata-se de uma relação educativa em que predomina a atitude de cooperação, cujo percurso seja considerado na sua singularidade. Percurso que favoreça a análise, a interpretação e a crítica, recusando a ideia de uma versão única da realidade, reconhecendo o fazer, a atividade manual e a intuição como formas de aprendizagem e expressão do saber, valorizando o escutar como fonte de aprendizagem em um processo no qual o educador é também um aprendiz.

Entendemos que pensar e desenvolver a educação de jovens e adultos nestes termos é recuperar a concepção de educação como uma ação política em que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1987), isto é, uma

ação que não se limita à mera decodificação ou reprodução dos códigos presentes no contexto social, posto que, o ato de ler de base freireana pressupõe a identificação das visões de homem e de mundo que circulam e se apresentam às pessoas; a identificação das relações de poder em curso; os mecanismos, os instrumentos e as linguagens que naturalizam determinadas visões a ponto de parecer impossível pensar o ordenamento social numa outra perspectiva.

Neste processo de trabalho, os acontecimentos são compreendidos na sua relação com um contexto no qual o objeto de trabalho revela, numa perspectiva dialógica, aproximações do singular com a totalidade, do individual com o social. Isso significa que o enfoque deste trabalho opera a partir da possibilidade de interlocução da situação concreta em que se realiza com a realidade mais ampla, com as múltiplas vozes que a constituem e com a complexa identidade de seus sujeitos expressa pela condição de grupo, de classe, de gênero, etnia, momento histórico e contexto sociocultural.

Assim concebida, a educação pressupõe diálogo e participação coletiva, tanto em relação à escolha do objeto de estudo, quanto em relação à reflexão e análise com o auxílio das quais se processará a construção do conhecimento.

Definida como o ponto de partida para o planejamento coletivo das ações a serem executadas no âmbito do projeto, a identificação da questão geradora orientou e dinamizou esse diálogo constante, tendo em vista que possibilitou a apreensão crítica do conhecimento sistematizado, requerendo a participação de educadores, educandos e especialistas das diferentes áreas na discussão, articulação de referenciais e conceitos diversos.

Trata-se, pois, de um procedimento teórico metodológico cuja fundamentação filosófica, anteriormente explicitada, dá ensejo para que todos os envolvidos na execução desta proposta de extensão – professores,

colaboradores, bolsistas, voluntários assentados – emergem como corresponsáveis pelo trabalho, constituindo-se como atores, uma vez que se colocam como seres sócio-históricos marcados por sua condição/situação pessoal e social.

(Re)Ler a imagem e (re)escrever a mensagem

A articulação entre a dimensão emancipatória que buscamos imprimir à ação aqui relatada e o uso de textos gráficos e imagéticos como recurso no desenvolvimento de atividades de leitura e produção de textos não é de toda uma novidade; seus primórdios remontam aos anos de 1960, quando o educador Paulo Freire experimentou o método em alfabetizando adultos. Segundo Vera Barreto (2004), Freire utilizava ilustrações para desenvolver o seu trabalho de alfabetização de adultos. Estas ilustrações eram chamadas de “fichas de cultura” e tinham como propósito específico desconstruir a ideia, fortemente introjetada pelos adultos, de que somente as pessoas que estudaram são portadoras e produtoras de saberes e cultura.

Para alcançar o seu propósito, de acordo com a autora, o educador sistematizou e codificou em “fichas” algumas imagens que continham o conceito antropológico de cultura e nos encontros dos “Círculos de Cultura” (FREIRE, 1987) fazia uso delas. As “fichas de cultura” que continham as imagens utilizadas nos “Círculos” consistiam nos elementos detonadores do processo de análise da realidade num movimento de denotação e de conotação ao ponto de não mais as imagens, e, sim os conhecimentos e as experiências dos sujeitos, se constituírem no eixo da reflexão.

A partir da sistematização destas experiências, Freire contribuiu para a

compreensão de que o uso de imagens no processo de formação de leitores na EJA pressupõe que não há leitura (nem escrita) sem uma compreensão do lido (ou escrito) e que esta compreensão depende da “leitura de mundo” que o aprendiz é capaz de fazer. A utilização de imagens concebidas como textos termina, pois, por promover um “alargamento do olhar” para o cotidiano e para as artes gráficas e visuais tanto no sentido de educar para a criticidade quanto para a sensibilidade.

Quanto à metodologia da formação propriamente dita, considerando o tempo-espaço que teríamos para o trabalho com o público-alvo⁹, optamos pelo planejamento coletivo de Oficinas Temáticas, a partir do levantamento prévio das demandas *in loco*. Tal opção se fundamentou na compreensão da oficina como uma oportunidade de instauração de tempo-espaço formativo no qual os sujeitos não são meros participantes, dado que estão implicados na tarefa de construir, coletivamente, novas formas de compreensão do tema em pauta. Para tanto, todos e cada um/a são estimulados a expressar suas concepções, visões e as formas como se colocam frente ao objeto de estudo proposto. Por outro lado, a escuta atenta de outras visões que não a sua própria – inclusive dos formadores que mediam todo o diálogo, inserindo intencionalmente elementos e/ou perspectivas de análise ainda não consideradas pelo grupo – instaura no coletivo uma profícua atividade reflexiva propiciadora da construção de formas mais elaboradas e compartilhadas de compreensão.

Entendemos que, assim realizada, a educação materializa-se como um projeto de formação voltado para despertar no sujeito o (re)conhecimento de sua forma de ver, de se ver e de agir frente à questão em estudo, seguido da reelaboração destas formas, de modo que,

9. Um sábado a cada mês, no próprio assentamento, onde as condições materiais e infraestruturais eram pouco favoráveis, demandando da equipe criatividade e flexibilidade no planejamento de forma a potencializar os recursos disponíveis, minimizando os possíveis impactos da ausência de tantos outros na qualidade do trabalho.

diante de uma renovada forma de ver a questão e se ver nela ou em relação a ela, todos e cada um/a tenham condições de rever seu modo de agir, ampliando o potencial de suas ações.

Para dar concretude aos propósitos do Projeto “Oficinas de leitura e produção de textos na educação de jovens e adultos” o processo de trabalho foi organizado da seguinte maneira:

Etapa I: Diagnóstico sociocultural

Esta etapa foi destinada à seleção¹⁰ das temáticas geradoras e imagens a serem objetos de leitura e produção de textos. Neste momento, a equipe diagnosticou o universo sociocultural da comunidade contemplada, mapeando, por meio da coleta de depoimentos orais, observação participante e oficina diagnóstica, as práticas, os modelos e os valores partilhados no interior dela.

A oficina diagnóstica “Apenas uma imagem de nós?” teve por objetivo levar os participantes a revelar as estratégias de decodificação e filtragem de textos imagéticos que utilizam no seu cotidiano. Sua realização deu-se em seis momentos, a saber:

1. Registro inicial: os(a) participantes da oficina, juntamente com a equipe responsável pelo trabalho (estudantes e professores) posaram para uma foto. A mesma foi projetada na parede de modo que todos puderam vê-la e se verem nela.
2. Leitura da imagem e registro individual: os participantes foram orientados a registrar, individualmente,

a leitura que faziam daquela imagem projetada diante de si.

3. Organização em grupos para socialização das leituras individuais em relação a foto e construção de uma leitura coletiva, capaz de contemplar os diferentes elementos apontados nas leituras individuais, tomando por referência duas questões: a) como cada um e todos leram a imagem?; b) se essa imagem estivesse na chamada de um telejornal, qual seria a notícia que ela estaria ilustrando? Por quê?

4. Apresentação dos resultados, por grupo, e discussão das diferentes leituras e aspectos da imagem;

5. Após a socialização das discussões feitas em cada grupo, abriu-se o diálogo de modo a problematizar: a) o que mudou na leitura da foto quando pensamos nela associada a uma notícia? b) por que será que os jornais, a TV e as revistas utilizam imagens?

6. Avaliação: solicitou-se aos participantes que eles avaliassem tanto o encontro que se findava, quanto a proposta de continuidade do trabalho.

A partir da execução desta oficina, de modo especial, na etapa 5 quando se instaurou no grupo o diálogo problematizador e, na etapa 6, quando apresentaram as avaliações que fizeram do trabalho, coletamos as falas

10. Critérios utilizados na seleção das falas significativas: (1) Falas que expressem visões de mundo, (2) falas que possibilitem perceber o conflito, a contradição social e, sobretudo, que sejam significativas do ponto de vista da comunidade investigada, (3) falas que representem uma situação-limite, ou seja, um limite explicativo na visão da comunidade, (4) falas que opinem sobre dada realidade e que envolvam, de algum modo, a coletividade, (5) falas como originalmente foram ditas, ou seja, sem o filtro do investigador (SILVA, 2007).

significativas que indicavam a visão de mundo dos assentados, tendo como foco a mídia¹¹.

Posteriormente, a equipe executora do projeto realizou reuniões de análise das falas coletadas para identificar os temas que orientariam a realização das demais oficinas, o que se fez nas etapas seguintes da execução do projeto, conforme relatamos abaixo.

Etapa II: Círculo de Leituras

Nesta etapa, foram executas as oficinas de leitura e produção de textos. Cada oficina foi estruturada em dois momentos, seguidos da avaliação do trabalho pelos participantes. Estes momentos foram assim caracterizados:

Leitura e releitura dos textos gráficos e imagéticos: organizou-se a apresentação dos textos, selecionados dentre os mais acessados pela comunidade dos assentados, referentes ao tema gerador em questão. Os participantes foram estimulados a verbalizar a leitura que fazem de tais textos, os significados que constroem a partir deles, bem como o modo como se apropriam deste conteúdo por meio de diálogos em pequenos grupos e, posteriormente, em um diálogo aberto entre todos os participantes.

Este processo foi registrado em áudio e vídeo pela equipe de formadores que assumiu também a função de, no momento do diálogo aberto com todos os participantes, mediar a discussão, ressaltando os diferentes pontos de vista e opiniões sobre as imagens lidas; provocar a problematização destas imagens, por meio da sua exploração conotativa na busca do que, porventura, estivesse implícito – mensagens, valores, normas, culturas, padrões de comportamento e representações

–, provocando, assim, a construção coletiva de uma releitura das imagens analisadas.

Produzindo novos textos: momento das oficinas destinado à produção de textos imagéticos que teve como objetivo principal resignificar o conteúdo do material analisado no momento anterior às oficinas por meio do cruzamento de imagens e mensagens que se valem de recursos semelhantes para expressar uma ideia, modelo e/ou valores partilhados pela comunidade do assentamento, em consonância com o lugar e o papel social de seus membros.

Seguindo a estrutura acima descrita, a segunda oficina teve como tema a “Alteridade e Diálogos Intergeracionais”. O trabalho foi estruturado em oito momentos, nos quais buscamos contemplar desde a mobilização individual para a participação na oficina até a produção coletiva de novas imagens em torno da questão em pauta.

Inicialmente, os participantes foram intencionalmente distribuídos em dois grupos intergeracionais a fim de estimularmos a aproximação das diferentes gerações ali presentes, por meio do exercício de um diálogo voltado à explicitação, ao confronto e à negociação dos diferentes pontos de vista. O tempo destinado às demais etapas da oficina foi dividido de modo a garantir tempos de reflexão e elaboração individual, de discussão das narrativas e de construção de uma narrativa coletiva.

No desenvolvimento do trabalho, foram apresentados dois vídeos de noticiário sobre acontecimentos internacionais, inicialmente somente por meio das imagens, sem o respectivo áudio. Os participantes foram divididos em dois grupos e orientados a produzir uma narrativa considerada adequada para verbalizar os vídeos. Após a apresentação

11. Critérios utilizados na seleção das falas significativas: (1) Falas que expressem visões de mundo, (2) falas que possibilitem perceber o conflito, a contradição social e, sobretudo, que sejam significativas do ponto de vista da comunidade investigada, (3) falas que representem uma situação-limite, ou seja, um limite explicativo na visão da comunidade, (4) falas que opinem sobre dada realidade e que envolvam, de algum modo, a coletividade, (5) falas como originalmente foram ditas, ou seja, sem o filtro do investigador (SILVA, 2007).

das narrativas construídas e das imagens com som original, discutimos a produção das narrativas e a não neutralidade da linguagem.

Subsequentemente à socialização das narrativas para todos os presentes, os vídeos foram reapresentados com o áudio original e os participantes foram estimulados a discutir em que medida a narrativa ali contida traduzia o fato em questão. A relação entre a narrativa que produziram e a narrativa “oficial” dos vídeos foi outro elemento que suscitou discussões em grupo.

A decodificação e codificação foram desenvolvidas a partir da análise da aproximação e do distanciamento da narrativa de cada grupo em relação à versão oficial do material trabalhado. Chamou-nos atenção, nesse processo, a relação da biografia de cada um em intercâmbio com seus pares, característica do diálogo que deu voz a sujeitos silenciados, mobilizando-os para, por meio do reconhecimento do opressor, produzir uma imagem não distorcida da realidade dos integrantes do MST, envolvendo-se com o objetivo proposto, a interpretação imagética.

Finda esta etapa do trabalho, os participantes foram orientados a produzir uma filmagem de imagens, escolhidas por eles, do próprio Assentamento e a apresentar o que eles gostariam que a mídia transmitisse a respeito de sua comunidade. De posse das ferramentas teórico-conceituais e materiais, desenvolveram as filmagens e apresentaram narrativas retiradas intencionalmente das imagens circulantes de seu cotidiano.

Os vídeos produzidos foram apresentados para o grupo de participantes do projeto e a síntese da oficina, construída a partir de sua avaliação, evidenciou que todos os sujeitos são capazes de produzir narrativas, de se fazerem autores da própria narrativa, saindo da condição de oprimidos para dialogar com o opressor.

Neste processo de socialização, a contraimagem por eles construída revelava a alteridade expressa, entre outros, na positividade das cenas e narrativas que tinham

como foco a comunidade do Assentamento. O trabalho árduo, as conquistas e as dificuldades enfrentadas cotidianamente na comunidade estavam presentes nas imagens capturadas pelos participantes. A riqueza das relações intrafamiliares, os laços de amizade e as relações de afeto entre os assentados registrados nos vídeos evidenciaram a alegria, a descontração e o prazer dos grupos com a realização da atividade, apresentando-nos um “MST” que em pouco, ou nada, se identifica com as muitas imagens que circulam na mídia televisiva.

A avaliação coletiva da oficina fez com que se confirmasse, tanto para a equipe formadora, quanto para os participantes, a importância estratégica de os grupos oprimidos investirem na construção de imagens de si e sobre si e, a partir disso, serem capazes de fazer contraposição às imagens veiculadas pela grande mídia que, na maioria das vezes, servem para disseminar uma visão distorcida dos grupos que lutam pela construção de uma sociedade efetivamente democrática, menos desigual e provedora de condições dignas de vida e trabalho para todos.

A terceira oficina trabalhou com a mídia impressa e teve como foco a revista “Veja”. O tema central do trabalho foi a criminalização dos movimentos sociais que acontece no âmbito desta publicação. Objetivamos estimular a análise crítica de imagens do MST que ilustram algumas reportagens de capa dessa revista. O trabalho foi desenvolvido em três momentos distintos e complementares de modo que realização de uma leitura conotativa das capas das revistas fosse permitida, por meio da identificação das cores, formas, objetos e outros elementos presentes na estrutura da imagem.

Após a descrição da leitura que fizeram da imagem, os participantes, organizados em grupos, deveriam realizar uma leitura denotativa das capas a fim de identificar as mensagens transmitidas pelas mesmas imagens, problematizando-as ou ratificando-as. Em seguida, fez-se a leitura compartilhada

do conteúdo da reportagem de capa, o que suscitou novas reflexões. Finalmente, os participantes montaram, por meio de colagens, outras possíveis capas de uma revista cujo tema fosse o MST, socializando, posteriormente, o produto do trabalho.

A realização desta oficina provocou, entre os participantes, um debate em torno de duas questões centrais: a ênfase no uso de imagens masculinas e adultas para ilustrar as reportagens sobre o MST em detrimento às imagens das suas mulheres, crianças e idosos; e a utilização de imagens que sugerem a existência de uma relação do MST com o uso indevido do dinheiro público.

Sobre as questões acima levantadas, pela leitura das imagens que figuram o MST em reportagens de capa na revista supracitada, os assentados afirmaram que as ações realizadas pelo Movimento contam com a presença de famílias inteiras e que, tanto quanto os homens, as mulheres e crianças, jovens e idosos tem um papel ativo na luta pela terra. Sobre isso concluíram que, talvez, o uso de imagens de crianças, mulheres e velhos do MST não seriam exploradas por estarem associadas à passividade, o que não contribuiria para a imagem vinculada pelo periódico de que o Movimento é constituído por criminosos. Decidiram, então, montar uma “contracapa” que rerepresentasse o MST, valendo-se de imagens de mulheres e famílias, na tentativa de, assim, pacificar a imagem do movimento.

Quanto à utilização de imagens que sugerem a existência de uma relação do MST com o uso indevido de dinheiro público, os participantes demonstraram compreender a necessidade de que deve haver dinheiro para “comprar lonas” e para garantir transporte para as lideranças participarem das reuniões e eventos do movimento. Manifestaram que, diante de todas as dificuldades que enfrentam para trabalhar, produzir na terra e comercializar os seus produtos, a contribuição do “governo” lhes parece justa e necessária. Lembraram que

muitos acampamentos vizinhos existem há, aproximadamente, 12 anos e que, ainda assim, há famílias inteiras submetidas a condições absolutamente precárias. Reconhecem, entretanto, que seria interessante a existência de reuniões para prestação de contas entre todos os Sem Terra para que eles tivessem maiores informações sobre “quanto” e “com o quê” o dinheiro do Movimento foi gasto. Com o objetivo de problematizar a imagem de que o MST usa dinheiro público para custear seus crimes, como sugere a mídia, elaboraram uma “contracapa” utilizando imagens que associa o movimento ao trabalho.

A quarta oficina foi planejada para estimular a contraposição entre a propaganda inclusiva e a propaganda excludente, tendo por objetivo identificar, analisar, comparar e problematizar as propagandas existentes no interior de diferentes revistas de circulação nacional. Feito este movimento, os participantes foram divididos em dois grupos e solicitados a produzir, em vídeo, uma propaganda considerando em uma delas a dimensão inclusiva e na outra a dimensão excludente. Após a produção do grupo, os vídeos foram socializados e discutidos a partir dos aspectos norteadores do trabalho e tendo como foco o binômio exclusão/inclusão.

A execução desta quarta oficina almejava questionar pontualmente, na mídia, a função da propaganda comercial, a propaganda como produtora de valores culturais, de consumo, estéticos e éticos que nos são inculcados de um modo, aparentemente, “neutro” – a propaganda estaria “apenas vendendo uma mercadoria” – em contraposição a uma reportagem sobre um tema específico.

No início do trabalho de seleção das propagandas comerciais impressas, um jovem, membro do MST, escolheu a propaganda de um perfume masculino conhecido e, quando questionada a sua escolha, respondeu que a imagem remetia-lhe a sensações muito boas e prazerosas. Em tom informal, um dos

ministrantes da oficina perguntou ao jovem se ele acreditava que o produto ali expresso tinha capacidade de causar as sensações propostas pela propaganda ao que o rapaz respondeu positivamente. O que nos chama atenção neste acontecimento é a possibilidade de perceber, se observarmos os dizeres desse jovem, quão efetivo é o poder persuasivo da propaganda comercial que, com seu potencial fetichista, é explorada em sua totalidade pelo capitalismo.

O produto da oficina foi bastante rico: duas peças comerciais nas quais se questionavam o modelo estético masculino e o consumo de produtos agrícolas sem o devido cuidado sobre sua origem, o que demonstrou a capacidade de compreensão crítica sobre a propaganda comercial, mas, também, que essa crítica dá, em alguns momentos, brechas a flertes com o sistema dominante de valores culturais.

O projeto ainda está em fase de execução e prevemos a realização de um encontro destinado à avaliação da pertinência do projeto, da viabilidade de sua continuidade e, se essa existir, a definição do formato que trabalho assumirá. Neste último encontro, todo o material produzido, ao longo da execução do projeto, será apresentado, a guisa de vídeo, à comunidade do assentamento, atividade que será também realizada para a comunidade acadêmica nas ocasiões e eventos destinados à socialização de experiências e circulação de conhecimentos.

Considerações Finais

Embora a avaliação efetiva do projeto, com a participação dos assentados, ainda não tenha sido realizada, há fortes indicativos, oriundos das avaliações parciais feitas pelos assentados e pela equipe executora, que nos levam a considerar que o projeto tem revelado muitos desafios inerentes à Educação de Jovens e Adultos, trabalhadores e trabalhadoras rurais,

deixando transparecer o êxito desta ação de extensão que tem seu principal objetivo no diálogo formativo com assentados do MST.

No que se refere aos desafios, ocorre que o acesso a bens simbólicos em zonas rurais, como é o caso do Assentamento Primeiro do Sul, apresenta-se restrito às produções da indústria de massa. Ainda assim, a presença de revistas e jornais de ampla circulação é irrisória no cotidiano destes assentados. Dentre aqueles que participaram deste projeto, a grande maioria está fora da escola, havendo, inclusive, adultos analfabetos no grupo dos participantes do projeto.

Os espaços e tempos para discussão e reflexão sobre a realidade vivida por eles são escassos, de modo que reconheçam que, se por um lado, têm que lutar para manter viva a identidade de sem terra, mesmo após a conquista do direito à posse de alguns hectares de chão; por outro, dispõem grandes esforços para garantir a subsistência em um contexto no qual imperam condições precárias de trabalho e acesso restrito aos bens materiais e simbólicos que circulam na sociedade.

São homens e mulheres que retiram da terra o sustento do que produzem, contrariando as tendências dominantes (sobretudo no agronegócio que, a alguns, enriquece rapidamente), tendo em vista que optam pela produção de alimentos livres de agrotóxicos e, por isso, enfrentam dificuldades de diferentes ordens para comercializar sua produção. E, quando conseguem espaço para comercialização, sempre se encontram em condições de desigualdade se comparados aos grandes cafeicultores da região¹².

Completando este quadro, observa-se a dificuldade em se criar e manter mecanismos eficazes de comunicação entre eles. Várias famílias são oriundas de diferentes regiões do país, apresentando diferentes culturas, valores e hábitos; além disso, encontram-

12. O café é um dos grãos produzidos em alta escala na região, sendo cultivado na maior parte dos lotes do assentamento.

se alocadas de maneira dispersa dentro do próprio assentamento. Esta situação faz com que o contato entre eles exija grandes esforços, na maioria das vezes, estes empenhos ficam sob o encargo das lideranças locais que, nem sempre, obtém êxito nesta tarefa.

Há que se destacar, ainda, o fato de que a realização descontínua de uma ampla gama de ações diversas na forma de programas e projetos no assentamento Primeiro do Sul, ao longo dos seus treze anos de existência, parece ter produzido uma postura refratária da comunidade no que se refere ao desenvolvimento de ações naquele local. A dispersão destas ações, somada ao aparente uso da comunidade para a realização de objetivos que lhes são alheios, é um elemento que, acreditamos, tem alimentado tal postura defensiva. Neste sentido, consideramos bastante reveladora a reação de um dos assentados ao ver sua imagem projetada na foto tirada e exibida na oficina: “Apenas uma imagem de nós?” ao afirmar que jamais havia tido a oportunidade de se ver em tela após um registro fotográfico, muito embora, em várias ocasiões, diferentes profissionais tenham feito registros desta natureza durante a realização de trabalhos no assentamento.

A escutada e a equipe executora do projeto, ora apresentado, vai em direção do reconhecimento, já registrado na literatura acadêmica, da prática de objetivação das subjetividades em nome da produção do conhecimento científico; e da crítica a este expediente tão comum em ações de extensão universitária e de outras naturezas que elegem segmentos mais vulneráveis da sociedade como público alvo.

Contudo, a reflexão e análise destes e de muitos outros elementos que emergiram no processo de execução de nosso trabalho estão ainda por serem realizados, consistindo em objetos de um posterior investimento de sistematização da experiência. Interessou-nos, aqui, apresentar a metodologia de trabalho utilizada para desenvolver oficinas de leitura

e produção de textos gráficos e imagéticos junto a pessoas jovens e adultas assentadas do MST. Entendemos que a metodologia adotada expressa o contexto de lutas, incertezas, resistências e trabalho dos assentados na mesma medida em que acena para um panorama altamente complexo, cujas intervenções demandam um acompanhamento responsável e comprometido com a realidade trabalhada.

Por hora, podemos afirmar que os objetivos do projeto não são alcançados facilmente, todo o trabalho desempenhado na tentativa de contribuir para que estes sujeitos sociais exercitem a capacidade de decodificar as mensagens difundidas por meio da mídia impressa e televisiva, tornando possível que eles atualizem suas percepções em relação a estas imagens, modelos e valores disseminados e, assim, exercitem suas competências como sujeitos, produtores de novas mensagens e valores exige competência técnica, humana, bem como o compromisso político com a realização de uma educação política voltada à transformação social.

Esta compreensão coloca desafios e questionamentos à própria formação docente oferecida pelas universidades, tendo em vista serem eles os agentes sociais cuja ação é prioritária junto ao público em formação.

Ao desenvolver este projeto com jovens e adultos assentados do MST, esperamos ter contribuído para fortalecimento da democracia no sentido de humanizar a mídia e, em última instância, atuar no plano de melhoria das condições da vida humana, desmitificando os meios de comunicação audiovisuais na direção da solidariedade, da autonomia do pensamento e da conquista da cidadania de estudantes e trabalhadores (SANZ, 2001).

Estamos cientes de que estes propósitos demandam uma formação à altura da complexidade que os envolvem e para qual a extensão universitária apresenta enorme contribuição; contribuição esta que alcança, além dos propósitos mesmos da extensão,

tanto a dimensão do ensino, ao permitir que graduandos vivenciem experiências nas quais os conhecimentos apreendidos na academia sejam convocados à experimentação crítica e reflexiva, como a dimensão da pesquisa, ao favorecer a formulação de novos questionamentos e indagações que fomentem o desenvolvimento de práticas investigativas.

Referências

- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica. In: **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na era global**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANZ, Luiz Alberto. A transdisciplinaridade pervertida: uma crônica sobre as relações entre educação e os meios de comunicação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil (ALB): Ação Educativa, 2001.
- SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular: metodologia e sistematização de experiências coletivas populares**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo; Ática, 1998.
- _____. **Educar na sociedade do conhecimento**. São Paulo: JM Editora, 2006.

Submetido em 28 de março de 2011

Aprovado em 03 de junho de 2011